



Moradores de condomínio em Sousas participam de mutirão de vacinação contra febre amarela no final de semana: cuidados

Infectologista teme entrada do Aedes no circuito da febre

Um dos principais infectologistas da **Unicamp**, Rogério de Jesus Pedro vê risco de aumento de casos de febre amarela em Campinas com a possibilidade de o *Aedes aegypti* (transmissor da dengue, zika e chikungunya) também transmitir

ele, a única forma 100% eficaz para proteger as pessoas é a vacinação. O professor diz que não há razão para pânico, mas é preciso cuidados para visitar áreas rurais. Três macacos foram encontrados mortos em fazenda em Sousas, vítimas da doença.

SAÚDE III CRISE

Gustavo Abdel
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
gustavo.abdel@rac.com.br

Especialista aponta o risco do Aedes transmitir febre amarela

Rogério de Jesus Pedro teme que mosquito leve a doença para a área urbana

Rogério de Jesus Pedro, um dos principais infectologistas da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, vê risco de o cenário da febre amarela em Campinas se aproximar do caos com o aumento dos casos de macacos mortos, especialmente pela possibilidade de o *Aedes aegypti* (transmissor da dengue, zika vírus e chikungunya) também transmitir a doença em área urbana. Segundo ele, esse é um “temor” presente e a única forma 100% eficaz para proteger as pessoas é a vacinação.

Segundo professor, vacinação é a única forma 100% eficaz

O professor diz que não há razão para pânico, justamente por que a doença segue, por enquanto, o seu ciclo silvestre, mas requer cuidados de saúde pública fundamentais para visitar áreas rurais.

Exames feitos no Instituto Adolfo Lutz atestaram que os animais encontrados sem vida na fazenda Santa Lydia, em Sousas, foram vítimas da doença. Desde que foi constatada a contaminação dos primatas (uma fêmea, um macho e um filhote), a Prefeitura focou a vacinação em moradores e trabalhadores dos distritos. A orientação é para aqueles que pretendem visi-



Mata em Sousas onde habitam mosquitos silvestres, transmissores da febre amarela: Rogério de Jesus Pedro (no alto) aponta desequilíbrio ecológico



Fotos: Dominique Torquato/AAN e Cedac/RAC

“A teoria de alguns entomologistas explica que é preciso ter muita densidade de vetor para propagar a transmissão, e aqui em Campinas temos densidade vetorial baixa.”

ANDREA VON ZUBEN
Diretora do Devisa

tar a região estejam previamente vacinados contra a febre amarela, e que façam o uso de repelente a cada duas horas.

“O principal temor é que o ciclo zoótico entre no meio urbano. Caso uma pessoa não vacinada que entre na área zoótica seja picada pelo *Haemagogus* (mosquito) contaminado, contraia a doença e depois seja picada pelo *Aedes*”, avalia o especialista. Ele ressalta que não adianta matar macacos ou queimar matas, uma

vez que é impossível erradicar a forma silvestre da doença.

O professor enfatiza que a área enzoótica da doença silvestre é extensa, e que passa pelos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, e que essa faixa onde há a forma silvestre da doença está se estreitando próximo aos centros urbanos. O mosquito *Haemagogus* vive nas copas das árvores em meio à mata, e transmite o vírus ao picar macacos doentes e, depois, animais saudáveis.

“A forma silvestre é uma enzootia, isto é, o mesmo que uma endemia, só que entre animais. A aproximação para áreas cada vez mais próximas da habitação humana pode ser dar por algum desequilíbrio ecológico”, avalia Pedro.

Estudos

Há pouco mais de 20 anos o epidemiologista Oswaldo Paulo Forattini, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), já dizia que a população deveria

ser vacinada contra a febre amarela como rotina. Na época, um pesquisador de sua equipe, Eduardo Massad, professor de Informática Médica e Métodos Quantitativos em Medicina e vice-diretor da Faculdade de Medicina da USP, escreveu em artigo para revista segmentada que para estimar o risco de uma epidemia de febre amarela urbana numa área infestada pela dengue era preciso calcular o índice de intensidade de transmissão da doença, limiar acima

do qual qualquer indivíduo infectado por febre amarela silvestre pode detonar uma epidemia de febre amarela urbana.

Isto é, tornar-se transmissor ao ser picado por mosquitos urbanos não infectados, o que produz uma reação em cadeia. No caso da dengue, por exemplo, como o vírus fica por mais tempo na corrente sanguínea (cerca de uma semana), o período de viremia é maior que o da febre amarela (cerca de dois dias).

A diretora do Departamento de Vigilância em Saúde (Devisa) de Campinas, Andrea von Zuben, não descarta que a entrada do vírus da febre amarela no meio urbano de Campinas seja possível, mas acredita em estudos de entomologistas, quando afirmam que o *Aedes* teria perdido a competência vetorial para a transmissão. “A teoria de alguns entomologistas explica que é preciso ter muita densidade de vetor para propagar a transmissão, e aqui em Campinas temos densidade vetorial baixa”, afirma.

O ciclo urbano — quando a doença se transmite entre seres humanos, transportada pelo mosquito *Aedes aegypti* — não é registrado no Brasil desde a década de 40.